



**Pedro, pedra e o Papa:
pressuposições protestantes em torno de Mateus 16.18**
Dr. Estevan F. Kirschner

Faculdade Luterana de Teologia

Dezembro de 1997

PEDRO, PEDRA E O PAPA: PRESSUPOSIÇÕES PROTESTANTES EM TORNO DE MATEUS 16:18

Dr. Estevan F. Kirschner*

INTRODUÇÃO

“Será possível a exegese livre de premissas?” — Foi a pergunta que motivou Rudolf Bultmann a escrever o artigo homônimo em 1957.¹ O teólogo alemão demonstrou grande preocupação com a necessidade de contemporizar a mensagem cristã para o mundo do século XX, preocupação essa que muitas vezes o levou a extremos de radicalismo e ceticismo, como na questão da desmitologização do Novo Testamento.² Entretanto, em sua monografia sobre a exegese e suas premissas, Bultmann alertou sobre alguns perigos no estudo bíblico que nenhum exegeta sério deveria desconsiderar. Um deles é o dogmatismo: “Toda exegese dirigida por preconceitos dogmáticos não ouve o que o texto está dizendo, mas fá-lo [*sic*] dizer o que ela quer ouvir.”³ O que o autor quer dizer com isso é que o intérprete da Bíblia sempre corre o risco de estabelecer de antemão o resultado da pesquisa, porque poderá estar simplesmente orientando todo o processo de investigação por premissas ou pressuposições, que como os termos indicam, foram previamente determinadas. Bultmann deixa claro, logo de início, que se uma exegese livre de premissas significa não pressupor o resultado, então isso não só é desejável como é também uma exigência. Por outro lado, reconhece que é impossível ao intérprete abordar o texto bíblico sem pressuposições, pois nenhum exegeta é uma *tabula rasa* — ele irá sempre ao texto bíblico com pressuposições e preconceitos. E isso é verdade para todos os estudiosos da Bíblia, sejam eles liberais, tradicionais, evangélicos ou pentecostais — ninguém aborda o texto bíblico em “ponto morto”, ou de forma neutra.

O grande problema, porém, é que muitas vezes não se reconhece esse condicionamento prévio. As razões para isso são as mais diversas; mas, na maioria dos casos refletem a dogmatização de posições teológicas ou práticas

*Estevan F. Kirschner, Ph.D., um dos editores de *VOX SCRIPTURAE*, é tradutor da Nova Versão Internacional da Bíblia e leciona exegese do Novo e do Antigo Testamento no CETEOL, Centro de Ensino Teológico, em SC; no STSC, Seminário Teológico Servo de Cristo, em SP; e no SBPV, Seminário Bíblico Palavra da Vida, em SP.

¹Orig. alemão “Ist voraussetzungslose Exegese möglich?” *Theologische Zeitschrift* 13:409-417. Trad. por Walter O. Schlupp, em Walter Altmann (ed.), *Rudolf Bultmann: Crer e Compreender. Artigos Selecionados* (São Leopoldo: Sinodal, 1987) 223-229.

²“Desmitologização”, *Rudolf Bultmann: Crer e Compreender* 11-45.

³*Ibid.*, 224.

assumidas por uma determinada igreja ou grupo. Às vezes a questão gira em torno de tradições ou convicções historicamente mantidas sem qualquer questionamento. Seja como for, o resultado será sempre deficitário para uma compreensão mais adequada do texto bíblico e das implicações disso.

Este artigo propõe trabalhar com a questão das pressuposições teológicas e históricas que, normalmente, fazem parte da “bagagem” que o intérprete protestante traz consigo quando aborda o texto de Mateus 16:18: “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”⁴. Nossa preocupação principal será com os aspectos hermenêuticos, nem tanto com a exegese desse texto, ainda que tratemos de alguns aspectos exegéticos centrais para esta passagem.

AS INTERPRETAÇÕES PROPOSTAS PARA MATEUS 16:18

O texto de Mateus 16:18 faz parte da perícope comumente conhecida pelo título “A Confissão de Pedro” [Mt 16:13-20]. A cena descreve o diálogo com os apóstolos, envolvendo a questão da identidade de Jesus. Isso acontece na remota região de Cesaréia de Filipe, extremo norte de Israel [v.13a]. A questão sobre a identidade de Jesus é desdobrada em duas perguntas: uma mais geral, “Quem dizem os homens ser o Filho do homem?” [v.13b]; e uma mais específica, endereçada aos próprios apóstolos, “E vocês ... Quem vocês dizem que eu sou?” [v.15]. É exatamente aqui que encontramos a razão de ser contextual do nosso texto. A afirmação de Pedro no v.16 é, de fato, uma confissão de fé na messianidade e na origem divina de Jesus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. A reação de Jesus a essa confissão aparece em duas partes: a 1ª destaca o caráter de revelação divina das palavras de Pedro [v.17]; enquanto que a 2ª fala do apóstolo Pedro [v.18a], da Igreja [v.18b] e de autoridade conferida a Pedro [v.19].

Mateus 16:18 é traduzido da seguinte forma na *Nova Versão Internacional*:⁵ “E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la” [Texto Grego: *κἀγὼ δὲ σοι λέγω ὅτι σὺ εἶ Πέτρος καὶ ἐπὶ ταύτῃ τῇ πέτρᾳ οἰκοδομήσω μου τὴν ἐκκλησίαν, καὶ πύλαι ᾗδου οὐ κατισχύσουσιν αὐτῆς/jj]. As principais questões de interpretação no v.18 revolvem em torno da importante pergunta eclesiológica sobre a *fundamentação* da Igreja de Cristo: “e sobre esta pedra/rocha edificarei a minha igreja”.*

Com algumas variações, pode-se dizer que as interpretações básicas do texto agrupam-se em dois polos: no primeiro, encontram-se aqueles que negam a

⁴Almeida, Revista e Atualizada.

⁵Exceto quando indicado de outra forma, as citações do Novo Testamento serão todas extraídas da *NVI*.

identificação de τῆ πέτρα (*tê[i] petra[i]*, “pedra/rocha”) com Pedro; no segundo, aqueles que afirmam a identificação de τῆ πέτρα com Pedro.

Intérpretes Evangélicos que Negam a Identificação de Pedro com Pedra/Rocha

Nesse grupo, podemos citar os seguintes teólogos a título de ilustração:

Tasker: R. V. G. Tasker afirma que Jesus esclareceu a Pedro que “a fé por ele expressa era a rocha sobre a qual Ele edificaria a Sua igreja”.⁶ Embora Tasker reconheça que Pedro desempenharia um “papel singular nos primeiros anos críticos da sua história [da igreja]”⁷, faz questão de mencionar que nada há que sugira que a autoridade a ele conferida por Jesus [v.19] e, por extensão, aos demais apóstolos [Mt 18:18], passaria aos “sucessores de Pedro”.⁸ Aparentemente, é exatamente por essa razão que o autor definiu que a expressão ταύτη τῆ πέτρα (*tautê tê[i] petra[i]*: “esta pedra/rocha”) deva significar a “fé” de Pedro, e não o próprio Pedro. Segundo Tasker, em nota adicional, se fosse qualquer outra coisa que não a fé por ele professada, então a sentença traria “e sobre *ti* edificarei a minha igreja”.⁹

Ryle: J. C. Ryle segue a mesma linha de argumentação de Tasker apresenta, mas tem considerações “espirituais” como ponto de partida — “Dizer que um falível e inseguro filho de Adão se tornaria o alicerce do templo espiritual, não confere com a linguagem das Sagradas Escrituras”.¹⁰ Para Ryle, o “verdadeiro sentido da palavra ‘pedra’, nesta passagem, parece ser a verdade do messiado e da divindade de nosso Senhor que Pedro acabara de reconhecer”.¹¹ Pedro só havia sido chamado de Πέτρος = “pedra/rocha” em virtude de ter confessado a “verdade poderosa, sobre a qual, como que sobre uma rocha” Cristo edificaria a sua igreja.¹² Ryle, parece, também, preocupado em debater com conceitos tradicionalmente associados com esta passagem, quando diz que Pedro e os apóstolos não tiveram sucessores, e que essas palavras “nada tem a ver com a igreja de Roma”.¹³

⁶R. V. G. Tasker, *Mateus: Introdução e Comentário* (S.P.: Vida Nova, 1980; orig. inglês de 1961) 126.

⁷*Ibid.*, 126.

⁸*Ibid.*, 127.

⁹*Ibid.*, 130; ênfase do próprio autor.

¹⁰J. C. Ryle, *Meditações no Evangelho de Mateus* (S.P.: Fiel, 1991; orig. inglês de 1879), 127.

¹¹*Ibid.*, 127.

¹²*Ibid.*, 127.

¹³*Ibid.*, 128.

Ryrie: Em sua *Bíblia Anotada*,¹⁴ C. C. Ryrie baseia a sua conclusão de que τῆ πέτρα se refere a “esta [v.16] revelação divina e esta profissão de fé [de Pedro] em Cristo” na diferença gramatical de gênero entre τῆ πέτρα, que é feminino, e Πέτρος, que é masculino. Por causa dessa diferença de gênero na língua grega, Ryrie acredita ser impossível que Cristo tivesse em mente dizer “sobre ti, Pedro” ou “sobre os teus sucessores”.¹⁵ Mais uma vez, notamos que também para o autor da *Bíblia Anotada* as interpretações tradicionais do texto são parte importante na definição do sentido daquilo que Mateus registrou em 16:18.

Meyer: O comentário “Devocional” de F. B. Meyer segue a mesma linha de argumentação com base na gramática grega: “Os fundamentos daquela igreja não estavam no apóstolo (‘Petros’), mas em sua confissão (‘petra’) da divina filiação de Jesus”.¹⁶

Ao observar atentamente as abordagens e conclusões desses autores, que representam o meio evangélico mais conservador, percebe-se que existe uma preocupação excessiva em polemizar contra as interpretações católico-romanas desta passagem. As implicações hermenêuticas derivadas desse fato serão analisadas no final do artigo.

Intérpretes Evangélicos que Afirmam a Identificação Pedro com Pedra/Rocha

Barth: Em sua ‘Dogmática da Igreja’, Karl Barth não vê qualquer problema teológico em identificar Πέτρος (Pedro) com τῆ πέτρα (pedra/rocha).¹⁷ No entanto, ele imediatamente qualifica essa afirmação enfatizando que não é Pedro quem edifica a igreja, mas é Cristo o “construtor e o edificador,” além de seu fundamento. Pedro, que provou ser um discípulo por sua confissão, serve de rocha na qual, de acordo com Mt 7:25, o homem sábio edificará. Mas é Jesus mesmo quem edificará a sua igreja”.¹⁸ Pedro, bem como os demais apóstolos, é também “fundamento” da igreja, mas somente num sentido secundário. Para ilustrar esse fato, Barth menciona passagens tais como 1 Co 3:11, na qual Paulo diz que não se pode lançar outro “alicerce [θεμέλιος, *themelios*, “fundamento”]

¹⁴C. C. Ryrie, *Bíblia Anotada* (S.P.: Mundo Cristão, 1991; orig. inglês de 1976)

¹⁵*Ibid.*, 1208.

¹⁶F. B. Meyer, *Comentário Bíblico Devocional* (Belo Horizonte.: Betânia, 1992; orig. inglês n.d.) 30. Outros autores que utilizam o mesmo raciocínio são Lenski, Gander e Walvoord, citados por D. A. Carson, *Matthew* em F. E. Gaebelin (ed.), *The Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 1984), vol. 8:368. Dos reformadores, Lutero pensava que a rocha era o próprio Cristo; e Calvino afirmava que era a fé exercida por Pedro, cf. citado por G. E. Ladd, *Teologia do Novo Testamento* (R.J.: JUERP, 1984) 104.

¹⁷K. Barth, *Church Dogmatics* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1958; orig. alemão de 1955) iv.2:633s.

¹⁸Barth, *CD*, iv.2:633.

além daquele que já está posto, que é Jesus Cristo”; e Ef 2:20, em que o apóstolo diz que a comunidade cristã, a “família de Deus”, é edificada “sobre o fundamento [θεμέλιος, *themelios*] dos apóstolos e profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular [ἀκρογωνιαίου, *akrogôniaiou*]”. Percebe-se em Barth a preocupação de tentar entender o texto no horizonte mais amplo da eclesiologia do Novo Testamento.

Cullmann: Oscar Cullmann escreveu os artigos acerca dos vocábulos “Pedro” e “pedra” no conceituado ‘Dicionário Teológico do Novo Testamento’, conhecido nos seminários teológicos como *Kittel*, nome do editor original.¹⁹ O trabalho de Cullmann prima, naturalmente, por destacar aspectos filológicos e etimológicos — o que pode ser muito útil na discussão, uma vez que, ainda que de forma tangencial, tais aspectos têm sido invocados por diversos autores dos dois lados da questão. Somente um resumo do estudo de Cullmann é possível aqui. Ele parte do uso profano de Πέτρος e πέτρα para concluir que não há uma distinção clara entre os dois termos na literatura grega conhecida; e que a palavra aramaica (língua falada pelos judeus da Palestina na época de Cristo) [*keypha*’, “Cefas”], que muitas vezes é usada no sentido do grego λίθος [*lithos*, “pedra”], “abrange em si os sentidos fundamentais e específicos de *petra* e *petros* (*lithos*)”.²⁰ Isso leva o autor à primeira observação sobre Mt 16:18: “Já deste ponto de vista é inteiramente improvável que o jogo de palavras *petra* e *petros* em Mt 16:18 se apóie unicamente no sentido de *lithos*, dado a *keyphâ*.”²¹ Ou seja, distinções objetivamente comprovadas entre os dois termos gregos tendem a desaparecer ao se reconstruir o texto com o provável vocábulo aramaico empregado por Jesus, [*keypha*’, “Cefas”]. Portanto, segundo Cullmann, o jogo de palavras entre Πέτρος e πέτρα em Mt 16:18 não deixa dúvidas quanto à identificação Pedro com pedra/rocha:

Petra, bem entendido, é somente Cristo. Portanto, se Mt 16:18 nos obriga a identificar formal e objetivamente *petra* com *petros*, isto mostra quanto o apostolado — e dentro dele sobretudo a posição que ocupa Pedro — faz parte da revelação de Cristo, e parte essencial. *Petros* em pessoa é esta *petra*, e não a sua fé ou a sua confissão...É claro que Pedro é a rocha somente enquanto sustentado pela mão de Cristo, tal como quando andou sobre o mar. Mas trata-se do *Petros* real, como real era Simão. Se Cristo quer erguer sobre esta *petra*, rocha, um edifício espiritual — a

¹⁹G. Friedrich (ed.), *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament* (Stuttgart: Kohlhammer, 1959), vol. VI. Usamos aqui o texto disponível em português que reúne diversos vocábulos relativos à “igreja”, G. Kittel (ed.), *A Igreja no NOVO TESTAMENTO* (S.P.: ASTE, 1965; trad. por Helmuth A. Simon), 293-330.

²⁰Cullmann, *Igreja no Novo Testamento*, 323s.

²¹*Ibid.*, 324.

ekklesia — então *Petros* é o fundamento desta *ekklesia*, fundamento que se funda na palavra de Cristo “tu és Rocha”.²²

Toda a argumentação de Cullmann baseia-se em exaustiva pesquisa léxica e exegética, e parece não permitir a intromissão de elementos estranhos à compreensão do texto no seu horizonte contextual básico.

Carson: D. A. Carson detalha os diversos aspectos exegéticos e hermenêuticos por detrás da discussão em seu comentário do texto de Mateus na série *Expositor's*.²³ Seu arrazoado percorre as mesmas linhas que o de Cullmann, e que o termo aramaico [*keypha*’, “Cefas”] foi a palavra originalmente usada por Jesus no diálogo com Pedro; que existe aqui um jogo de palavras (Pedro — pedra/rocha) que o grego tenta reproduzir com Πέτρος/πέτρα; e que se Jesus quisesse dizer “pedrinha” teria usado o vocábulo comum λίθος [*lithos*], que serve para uma pedra de quase que qualquer tamanho — só que, então, o jogo de palavras não teria existido.²⁴ Para Carson, o que Jesus, de fato, estaria dizendo seria mais ou menos o seguinte: “Pedro, você é *Cefas* e sobre esta *Cefas* edificarei a minha igreja”.²⁵ Carson acrescenta, ainda, que seria uma mistura de metáforas muito estranha se no mesmo versículo Jesus fosse apresentado como fundamento da igreja, quando já é explicitamente identificado como o seu edificador [construtor]. Misturas de metáforas, porém, não são desconhecidas no Novo Testamento (veja, por exemplo, Rm 7:1-6); e isso não deveria se constituir numa objeção decisiva. Carson também afirma que as interpretações tradicionais sobre a sucessão de Pedro não podem ter seu fundamento nesta exegese de Mt 16:18. O que a passagem diz de Pedro nada mais é do que aquilo que o Novo Testamento apresenta começando por Mateus, *i.e.*, que ele foi o primeiro a fazer a confissão formal da identidade de Jesus como Messias e que a sua proeminência continuou durante a fase inicial da igreja primitiva (At 1-12). Ainda assim, Pedro, juntamente com João, é enviado pelos outros apóstolos (At 8:14); presta contas à igreja de Jerusalém (At 11:1-18); e é repreendido por Paulo (Gl 2:11-14). Em suma, ele é um *primus inter pares* — primeiro entre iguais. E é sobre o fundamento constituído desses homens que Jesus Cristo edifica a sua igreja (Ef 2:20).²⁶

Bruce: F. F. Bruce não tem qualquer problema com a identificação de Pedro com pedra/rocha. Ele comenta a respeito de Mt 16:18, apenas *in passim*, no

²²*Ibid.*, 329.

²³D. A. Carson, *Matthew*, em F. E. Gaebelin (ed.), *Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 1984), vol. 8:367-370.

²⁴*Ibid.*, 368.

²⁵*Ibid.*, 368.

²⁶*Ibid.*, 368.

seu livro a respeito de personagens importantes na igreja primitiva,²⁷ mas observa que no contexto imediato Pedro é também chamado por Jesus de “pedra de tropeço” [σκάνδαλον, *skandalon*]. Conforme Bruce, esse fato tem precedente no oráculo do livro de Isaías que diz que a mesma rocha pode ser um refúgio seguro, “santuário”, em tempo de dilúvio e, ainda assim, se tornar uma “pedra de tropeço e rocha de ofensa” aos que são jogados contra ela (Is 8:14).²⁸ “Pedro tinha em si mesmo o potencial de ser uma pedra de tropeço ou uma pedra de fundamento”.²⁹ Bruce trabalha a partir de uma perspectiva mais ampla da teologia do Novo Testamento.

Schweizer: Eduard Schweizer, escrevendo sobre a igreja de Mateus, declara que Pedro recebe um lugar especial de destaque no primeiro evangelho, cujo autor o coloca no centro do mesmo.³⁰ Schweizer chega a questionar se a afirmação paulina em I Co 3:11, de que “ninguém pode colocar outro alicerce ... Jesus Cristo”, não poderia ser uma polêmica contra a declaração de Mt 16:18.³¹ O autor vê base para isso na disputa de Paulo com Pedro em Antioquia, que, segundo ele, não teve conseqüências boas para Paulo. Em todo caso, Schweizer ressalva que a mesma autoridade conferida a Pedro, também é dada à comunidade cristã como um todo.³²

Brown: Segundo C. Brown, no importante *Novo Dicionário de Teologia do Novo Testamento*,³³ que também argumenta com base na palavra aramaica por trás do grego de Mt 16:18, Pedro é chamado de pedra/rocha não em virtude de seu caráter firme, mas por ter sido o primeiro membro da igreja — o primeiro a confessar Jesus como Cristo; o primeiro a evangelizar tanto judeus como gentios; e o próprio Paulo o considera “coluna” da igreja (Gl 2:9). O autor discute com certo detalhe a questão da interpretação da supremacia e da sucessão papal, a partir da perspectiva da história da igreja nos primeiros séculos, e conclui que não foi a exegese de Mt 16:18, mas a ascensão de Roma na cristandade de então, que promoveu a idéia papal.³⁴ À luz disso, ele acrescenta que não é de admirar que

27F. F. Bruce, *Men and Movements in the Primitive Church* (Exeter: Paternoster, 1979) 48.

28*Ibid.*, 48.

29*Ibid.*, 48.

30E. Schweizer, “Matthew’s Church”, em G. Stanton (ed.), *The Interpretation of Matthew* (Londres: SPCK e Filadélfia: Fortress, 1983), 135.

31*Ibid.*, 135.

32*Ibid.*, 135.

33C. Brown, “Rock”, em C. Brown (ed.), *New International Dictionary of New Testament* (Grand Rapids: Zondervan, 1978), vol. 3:385-388.

34Brown, “Rock”, *NIDNT*, vol. 3:385s.

apologistas protestantes tentem negar que Pedro era a pedra/rocha, e que a sua confissão é que era a base da igreja.

France: No seu comentário de Mateus,³⁵ R. T. France chama atenção ao fato de Jesus ter trocado o nome de Pedro, de Simão para Pedro (Mc 3:16 e Jo 1:42), termo para o qual não há indício, antes disso, de que tenha sido usado como nome próprio.³⁶ Em Mt 16:18, portanto, Jesus mostra qual é a significação do novo nome que deu a Simão. Não é por causa de seu caráter, ou de sua estabilidade ou confiabilidade, que ele recebeu o nome Pedro, mas por sua *função* de fundamento da igreja de Jesus.³⁷ Ainda que a imagem da pedra de fundamento seja aplicada primariamente a Cristo, Pedro teve lugar de proeminência na igreja primitiva; e a idéia de ser fundamento da igreja, juntamente com os demais apóstolos, é compartilhada por outros autores no Novo Testamento: por exemplo, Paulo (Ef 2:20) e João (Ap 21:14). France acrescenta que é somente a reação extremada dos protestantes à reivindicação católico-romana de que o que Jesus afirmou sobre Pedro se aplica a todos os bispos de Roma que vieram posteriormente, que tem levado muitos a afirmar que a pedra/rocha aqui é a fé que ele tinha recém confessado.³⁸

Observando a argumentação desses últimos intérpretes alistados, vê-se que a metodologia dos que afirmam a identificação Pedro com pedra/rocha está muito mais voltada às questões léxicas, gramaticais, sintáticas [exegéticas] e da teologia bíblica do Novo Testamento do que preocupada com as interpretações tradicionais de Mt 16:18.

UMA QUESTÃO DE PRESSUPOSIÇÕES: EXEGESE E HERMENÊUTICA

Este artigo começou com uma digressão sobre a questão das pressuposições ou premissas hermenêuticas que acompanham o intérprete bíblico quando o mesmo aborda um texto qualquer. Depois de expor as duas posições interpretativas básicas sobre Mt 16:18, é hora de fazer uma análise mais global das pressuposições envolvidas e o que uma exegese básica do texto oferece em termos de critérios para uma compreensão adequada dessa importante passagem bíblica. Iniciamos com algumas considerações estruturais.

³⁵R. T. France, *Matthew* (Leicester: IVP e G.Rapids: Eerdmans, 1985).

³⁶*Ibid.*, 254.

³⁷*Ibid.*, 254.

³⁸*Ibid.*, 254.

A Estrutura Simétrica de Mateus 16:18

O texto grego de Mt 16:18, lido em seu contexto, apresenta claros sinais de um arranjo deliberado das sentenças e declarações relatadas aqui — especialmente entre os versículos 16, 17a e 18a:³⁹

16:16 ^a	ἀποκριθεὶς δὲ Σίμων Πέτρος εἶπεν Simão Pedro respondeu: ÷	
16:16b		Σὺ εἶ ὁ Χριστὸς ... Tu és o Cristo
16:17 ^a	ἀποκριθεὶς δὲ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν αὐτῷ Jesus respondeu ÷	
16:18 ^a		σὺ εἶ Πέτρος ... tu és Pedro ⁴⁰

Observa-se que existe uma correspondência entre a forma em que Pedro é apresentado confessando a messianidade de Jesus com a maneira pela qual Jesus é representado respondendo a Pedro. Essa simetria nas frases do diálogo aliada ao jogo de palavras Πέτρος (Pedro) / πέτρα (pedra/rocha) — cf. todas as observações vistas acima — sugere que o autor, certamente procurando reproduzir o mais acuradamente possível na língua grega o que foi dito na aramaica, deseja destacar algo com a maior clareza possível aos seus leitores [ouvintes?]. Presume-se aqui que dificilmente alguém lendo, ou ouvindo a leitura do texto, teria deixado de notar a ênfase que Jesus dá ao porta-voz dos apóstolos, Simão Pedro.

O Sentido da Declaração de Jesus: “Você é Pedro”

É importante notar, juntamente com alguns dos intérpretes que negam a identificação “Pedro = pedra/rocha”, arrolados na primeira parte, que a confissão de Pedro [16:16] recebe de Jesus um destaque todo especial no versículo 17. Aqui chama a atenção a constatação de que aquilo que foi declarado por “Simão, filho de João” é revelação [com a forma verbal ἀποκάλυψεν, *apokalypsen*] do Pai; essa informação não foi obtida empregando-se métodos humanos [“não ... por carne nem sangue”]. Por essa razão, Simão Pedro é chamado de “bem-aventurado”, “feliz”. Mas é muito mais importante ainda perceber que é na seqüência dessa primeira observação de Jesus que Mt 16:18 aparece. Não pode haver dúvida, pelo que a introdução diz, de que o que vem a seguir destaca a pessoa do apóstolo [depois de ter dado o devido destaque à **revelação divina**]: “E eu lhe digo que

³⁹Cullmann, “Pedro”, em *A Igreja no Novo Testamento*, 306, observa ainda outros detalhes interessantes, como, por exemplo, o caráter semítico do *logion*.

⁴⁰Tradução livre.

você é Pedro” [κάγω δὲ σοι λέγω σὺ εἶ Πέτρος, *ka'gô de soi legô hoti sy ei Petros*].

Essa constatação estabelece duas coisas importantes: Primeiro, que Jesus tem em vista primariamente a pessoa do apóstolo. Isso fica evidente na mudança intencional do nome pelo qual o apóstolo é chamado — “Simão, filho de Jonas” [v. 17] e “Pedro” [v. 18]. A mudança de nome já ocorreu anteriormente, conforme a história que os Evangelhos apresentam. No primeiro encontro com Jesus, Simão, conduzido por seu irmão André, tem o seu nome trocado para Cefas, cujo significado no grego, explica o evangelista, é Pedro [Jo 1:41s]. Segundo, e como conseqüência, a relação entre chamar Simão de “Pedro”, depois do destaque à revelação divina com o nome “Simão, filho de Jonas”, no versículo 17, e o que segue (“e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”) parece indicar que existe aqui um certo nexo intencional:

v.16	“Simão Pedro” Nome de Nascimento + Novo Nome	Confissão
v.17	“Simão, filho de Jonas” Nome de Nascimento	Bem-aventurança
v.18	“Pedro ... pedra” Novo Nome	Promessa

A revelação sobre a messianidade e a identidade divina de Jesus é de origem divina, mas acontece no horizonte especificamente humano (falível e limitado) de Simão, filho de Jonas. Uma vez estabelecido esse fato, é no horizonte daquele que está sendo preparado e moldado por Jesus, Pedro, que a promessa sobre a edificação de igreja de Cristo aparece. No Antigo Testamento [Gn 17:5,15; 32:28; Is 62:2; 65:15] e no uso rabínico, uma mudança de nome, ou a atribuição de um apelido “significam a promessa de uma nova situação, ou obrigam seu portador a assumir um determinado encargo, que, no caso, não tem explicação exclusivamente no caráter de Pedro”.⁴¹

O Sentido da Promessa de Jesus “Edificarei a minha igreja”

Aqui não há como deixar de notar que a promessa da edificação da igreja é atividade do próprio Cristo: οἰκοδομήσω μου τὴν ἐκκλησίαν⁴² [*oikodomêsô mou tèn ekklêsian*], “eu [o Cristo] edificarei a minha igreja”. O sentido dessa promessa pode ser debatido; e não há aqui espaço para mencionar as diferentes opiniões a

⁴¹Cullmann, “Pedro”, em *A Igreja no Novo Testamento*, 302.

⁴²Somente aqui e em Mt 18:17 nos Evangelhos.

respeito.⁴³ Entretanto, além da conotação messiânica da ousada declaração de Jesus [“*minha igreja*”],⁴⁴ cabe ressaltar que a história da igreja primitiva situa o seu início no dia de Pentecoste [At 2], quando a “comunidade dos discípulos de Jesus” passou a reunir aqueles que em Israel e entre os gentios são persuadidos pela mensagem evangélica, *i.e.*, depois da ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, e com a atuação do Espírito Santo. Na ausência do Cristo visível, nada mais natural do que imaginar que os seus discípulos mais diretos seriam instrumentais na fundamentação da igreja de Cristo [At 2:42]; e dentre eles figura Pedro, *com evidente destaque*. Será que haveria metáfora mais apropriada do que a da construção, da edificação, para ser usada juntamente com “Pedro/pedra”?⁴⁵

A Autoridade Conferida a Pedro

A palavra de Jesus dirigida a Pedro no versículo 19, “Eu lhe darei as chaves do Reino dos Céus ...”, parece ter sentido somente em conexão com o que foi dito no versículo anterior. Se a edificação da igreja tem a ver com o papel de Pedro no seu estabelecimento, então o versículo 19 parece esclarecer qual seria esse papel. Pedro teria *autoridade* que Cristo mesmo lhe confere. O uso do termo κλειδας [*kleidas*], “chaves”, assim como o dos verbos δέω [*deō*], “ligar”, e λύω [*lyō*], “desligar”, e seus equivalentes, para representar algum tipo de autoridade e o seu exercício, é conhecido tanto no AT [Is 22:22] como no rabinismo.⁴⁶ Duas observações importantes são necessárias neste ponto:

Em primeiro lugar, essa autoridade da qual Jesus fala não é absoluta, mas delegada e vinculada à relação com o próprio Jesus Cristo. Os verbos mencionados acima aparecem como Futuros Perfeitos: “εσται δεδεμένον [*estai dedemenon*] e “εσται λελυμένον [*estai lelymenon*], o que corresponderia, respectivamente, a “terá sido ligado ... terá sido desligado”.⁴⁷ Se a intenção do autor fosse meramente destacar uma sanção divina para a decisão humana, o grego bem que poderia ter sido, o mais natural, o futuro passivo, “será ligado/desligado”. Como a mesma forma acontece praticamente nos mesmos verbos em Mt 18:18, é razoável pensar que o autor do primeiro Evangelho queria destacar que a autoridade conferida por Jesus a Pedro, e à comunidade, tem mais a ver o pronunciamento das decisões já tomadas “no céu”, ou seja, *é a manifestação da soberania divina no contexto humano*. Um exemplo claro disso aparece em At 5:1-10, no caso de Ananias e Safira e a sentença divina que veio por intermédio de Pedro.

⁴³Veja um resumo em Carson, *Op. cit.*, 369.

⁴⁴Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, 103s.

⁴⁵France, *Op. cit.*, 255.

⁴⁶France, *Op. cit.*, 256; Carson, *Op. cit.*, 370; cf. também Ryrie, *Op. cit.*, 1208.

⁴⁷Veja E. de Witt Burton, *Syntax of the Moods and Tenses in New Testament Greek* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1898), § 94; Carson, *Op. cit.*, 370-374.

Em segundo lugar, essa autoridade não é exclusividade de Pedro; em Mt 18:18 Jesus a estende para a comunidade cristã. Também, na aparição aos discípulos, depois da ressurreição, narrada em Jo 20:22, parece haver uma aplicação prática dessa autoridade na questão do perdoar ou não pecados; e isso é anunciado a todos os apóstolos.

Todas essas considerações, de natureza exegética e bíblico-teológicas, levam-nos a uma pergunta e algumas conclusões em relação à questão da interpretação de Mt 16:18.

CONCLUSÕES

A pergunta “fundamental” aqui só pode ser esta: *Qual teria sido a interpretação dessa passagem por estudiosos (evangélicos) se o catolicismo romano jamais tivesse existido?*

Na primeira parte deste estudo, ficou claro que provavelmente a maior resistência dos estudiosos evangélicos à identificação “Pedro = pedra/rocha” acontece em virtude do “pré-conceito” contra a interpretação católico-romana, a começar com os reformadores protestantes. Evidentemente, quando se aceita a interpretação “mais liberal”, de que Jesus fala de Pedro mesmo, não de sua fé ou confissão, não se pode deduzir imediatamente daí uma capitulação à reivindicação de um primado papal como sucessão apostólica/petrina — ainda que estudiosos católicos conservadores o façam.⁴⁸ Uma coisa nada tem a ver com a outra. No entanto, certamente é do interesse de teólogos católicos apelar a textos bíblicos para justificar e validar uma prática histórica, que só foi sancionada oficialmente pela igreja romana no Concílio Vaticano I, de 1869-70.⁴⁹ Da mesma forma, torna-se importante para os teólogos protestantes refutar esse ensino romano a partir do texto bíblico. Só que não é necessário impor ao texto idéias ou conceitos que não fazem parte de sua leitura básica.

A interpretação de teólogos protestantes que identificam Pedro com a pedra/rocha em nada prejudica o quadro que o Novo Testamento oferece acerca da fundamentação da igreja promovida por Jesus Cristo por meio de seus apóstolos. Se assim não fosse, o que então deveríamos fazer com os escritos do Novo Testamento, cuja autenticidade e autoridade é essencialmente alicerçada, a partir do critério histórico da igreja, no testemunho apostólico de Jesus Cristo? O que dizer da prática da igreja em Jerusalém de sentar-se aos pés dos apóstolos para ouvir a pregação “autorizada” do evangelho [At 2:42]? Por que procuraram

⁴⁸Por exemplo, Lagrange e Sabourin, citados por Carson, *Op cit.*, 368.

⁴⁹No documento intitulado “A Primeira Constituição Dogmática da Igreja de Cristo”. Veja J. L. Gonzalez, *Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Novos Horizontes* (S.P.: Vida Nova, 1988; orig. em espanhol de 1987), vol. 9:111s. Veja também “Vatican Council, First”, em J. D. Douglas, W. A. Elwell e P. Toon, *The Concise Dictionary of the Christian Tradition* (Grand Rapids: Zondervan, 1989) 395.

no círculo apostólico o conselho de Deus sobre as questões relativas à missão aos gentios [At 15]? O que fazer das palavras de Jesus em Lc 22:29s, que prometem que os apóstolos se sentariam em tronos para julgar as doze tribos de Israel? O que dizer das palavras de Paulo a respeito dos apóstolos e profetas, chamando-os o “fundamento” da igreja? Ou das de João no Apocalipse [21:14], falando dos doze fundamentos da Nova Jerusalém, nos quais está escrito o nome dos doze apóstolos do Cordeiro?

Por outro lado, a interpretação que dá atenção exagerada à polêmica com o catolicismo acaba trazendo maior prejuízo à exegese do texto bíblico, pois não somente eclipsa o que Mt 16:18 quer dizer em seu contexto, e no do Novo Testamento como um todo, mas ainda ajuda a promover uma hermenêutica com “segundas intenções”.

Não há exegese livre de premissas; e disso ninguém está livre. Mas o cuidado com as pressuposições que levamos “de carona” ao texto bíblico pode ajudar-nos a manter a sobriedade hermenêutica, e tornar-nos conscientes de nossas enormes limitações diante da grandeza da Palavra de Deus escrita.